



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11309>

DOI: 10.55905/revconv.17n.10-069

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2024 by Editorial Team. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Vídeo-cartas em defesa dos direitos humanos e da educação libertadora

Video letters in defense of human rights and liberating education

Video cartas en defensa de los derechos humanos y educación liberadora

DOI: 10.55905/revconv.17n.10-069

Originals received: 08/27/2024

Acceptance for publication: 09/17/2024

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula

Pós-Doutora em Educação e Contemporaneidade

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Endereço: Salvador – Bahia, Brasil

E-mail: ematpaula@uem.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8619-7558>

Arnaldo Pinto Junior

Doutor em Educação, Livre Docente em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Endereço: Campinas - São Paulo, Brasil

E-mail: apjfe@unicamp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2516-9761>

RESUMO

As Vídeo-Cartas são recursos audiovisuais utilizados para comunicação, trocas de informações, lazer e são instrumentos de denúncias sociais e materiais didáticos. Todavia, as Vídeo-Cartas ainda são pouco conhecidas no Brasil, principalmente nos cursos de formação de professores. A justificativa desta pesquisa se deve à necessidade de socializar trabalhos que recorram às Vídeo-Cartas na defesa dos direitos humanos de grupos em situação de vulnerabilidade social e invisibilizados nos currículos das universidades. O problema que motivou este estudo foi: ‘Quais são as contribuições das Vídeo-Cartas na educação?’. O objetivo deste artigo é analisar o papel das Vídeo-Cartas como materiais didáticos para cursos de formação de professores na perspectiva da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. A metodologia foi a revisão de literatura de Vídeo-Cartas em diferentes *sites* de busca sobre a produção acadêmica dessa temática. Foram encontrados 12 trabalhos entre teses, dissertações e artigos. As pesquisas são do período de 2004 a 2024. As análises dos trabalhos resultaram em categorias de Vídeo-Cartas de grupos de pessoas em vulnerabilidade, como: indígenas, crianças, migrantes, pessoas em situação de vulnerabilidade social de grupos diversos. Conclui-se que as Vídeo-Cartas são recursos educacionais que trazem narrativas de histórias de vida, culturas, diversas leituras dos universos desses grupos que precisam ser mais exploradas e conhecidas na educação.

Palavras-chave: vídeo-cartas, recursos didáticos, grupos em vulnerabilidade social, pedagogia libertadora, formação de professores, educação.



ABSTRACT

Video-letters are audiovisual resources used for communication, exchanging information, leisure and are instruments for social denunciations and teaching materials. However, Video Letters are still little known in Brazil, especially in teacher training courses. This research is justified by the need to socialize work that uses Video Letters to defend the human rights of socially vulnerable groups who are invisible in university curricula. The problem that motivated this study was: 'What are the contributions of Video Letters in education?'. The aim of this article is to analyze the role of Video Letters as teaching materials for teacher training courses from the perspective of Paulo Freire's Liberating Pedagogy. The methodology was to review the literature on Video-Letters on different search sites on the academic production of this theme. Twelve papers were found, including theses, dissertations and articles. The studies are from 2004 to 2024. The analysis of the papers resulted in categories of Video Letters from groups of people in vulnerability, such as: indigenous people, children, migrants, people in situations of social vulnerability from various groups. The conclusion is that the Video Letters are educational resources that bring narratives of life stories, cultures, diverse readings of the universes of these groups that need to be more explored and known in education.

Keywords: video letters, teaching resources, groups in social vulnerability, liberating pedagogy, teacher training, education.

RESUMEN

Las videocartas son recursos audiovisuales utilizados para la comunicación, el intercambio de información, el ocio y son instrumentos de denuncia social y material didáctico. Sin embargo, las Videocartas aún son poco conocidas en Brasil, especialmente en los cursos de formación de profesores. Esta investigación se justifica por la necesidad de socializar el trabajo que utiliza las Videocartas para defender los derechos humanos de grupos socialmente vulnerables e invisibilizados en los currículos universitarios. El problema que motivó este estudio fue: '¿Cuáles son los aportes de las Video Cartas en la educación?'. El objetivo de este artículo es analizar el papel de las Video Cartas como material didáctico para cursos de formación docente desde la perspectiva de la Pedagogía Liberadora de Paulo Freire. La metodología fue revisar la literatura sobre Video-Cartas en diferentes sitios de búsqueda sobre la producción académica de este tema. Se encontraron 12 trabajos, entre tesis, disertaciones y artículos. Los estudios son de 2004 a 2024. Los análisis de los trabajos resultaron en categorías de Video-Cartas de grupos de personas en vulnerabilidad, tales como: indígenas, niños, migrantes, personas en situación de vulnerabilidad social de diversos grupos. La conclusión es que las Video Cartas son recursos educativos que traen narrativas de historias de vida, culturas, lecturas diversas de los universos de estos grupos que necesitan ser mejor explorados y conocidos en la educación.

Palabras clave: videocartas, recursos didácticos, grupos en situación de vulnerabilidad social, pedagogía liberadora, formación del profesorado, educación.



1 INTRODUÇÃO

As Vídeo-Cartas são recursos audiovisuais ainda pouco conhecidos no Brasil, principalmente nos cursos de formação de professores, e se caracterizam por apresentar narrativas de pessoas de várias culturas e povos que trocam informações sobre suas histórias, cidades, territórios, países e vidas. Elas compartilham alegrias, angústias e estratégias de superação de problemas. São instrumentos audiovisuais utilizados para comunicação, trocas de informações, lazer, instrumentos de denúncias sociais e materiais didáticos. Existem Vídeo-Cartas disponibilizadas na internet, nas redes sociais e nos canais do *YouTube* com múltiplas temáticas.

Na produção acadêmica, as Vídeo-Cartas são predominantes nas pesquisas nas áreas da Antropologia Social, das Artes, Cinema, Geografia, Filosofia, Jornalismo, Ciências Sociais e, mais recentemente, na Educação. Entretanto, elas ainda são incipientes nas pesquisas educacionais, principalmente nos cursos de Pedagogia e História. As Vídeo-Cartas são recursos expressivos para esses cursos, pois oportunizam discussões a respeito das narrativas das histórias de grupos sociais invisibilizados nos currículos oficiais, dos direitos humanos e inclusão. Podem ser contruídas por estudantes e professores nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior e em diferentes contextos escolares e não escolares.

Como instrumentos de denúncias, as Vídeo-Cartas são produzidas por grupos sociais e ativistas, como indígenas, migrantes, movimentos negros, pessoas com doenças crônicas, do movimento sem terra, da educação no campo, LGBTQIAP+, dentre outros que discutem processos opressivos e excludentes. Esses segmentos apresentam mecanismos de luta para romper com essas situações e buscam inserir as histórias de vida de seus grupos nos currículos das instituições educacionais.

A estrutura das Vídeo-Cartas é parecida com as correspondências trocadas pelas pessoas via correio. Todavia, não existe um padrão único para essas produções imagético-verbais. A narração desse material pode trazer a estrutura do gênero textual carta com saudações iniciais, local, data, textos subjetivos, textos críticos e despedidas. O roteiro das narrativas, imagens e sons pode ser estruturado previamente ou não. Elas podem ser individuais ou produzidas por diferentes grupos de várias idades. Os destinatários são escolhidos pelas pessoas que as produzem ou, se disponibilizadas na internet, as pessoas que as visualizam serão as receptoras. O roteiro



das Vídeo-Cartas é a escrita imagético-verbal da narração de si das pessoas, narrativas de grupos, com reflexões pessoais ou coletivas sobre leituras das realidades que as cercam.

Ferreira (2011, p. 814), fundamentada nos estudos autobiográficos, analisou trocas de cartas entre professores iniciantes e apresentou a seguinte definição sobre as cartas tradicionais: “As cartas são instrumentos de cunho social que tem a função de comunicação, de aproximar pessoas ausentes ou distantes, além de estarem ligadas a memória e também ao arquivamento do eu”.

Concernente ao exposto, esta pesquisa¹ tem como objetivo analisar o papel das Vídeo-Cartas como materiais didáticos para cursos de formação de professores na perspectiva da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. A metodologia foi a revisão de literatura da produção acadêmica que discute a temática de Vídeo-Cartas para grupos em situação de vulnerabilidade social. Os *sites* de busca da produção acadêmica foram Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e *Google Acadêmico*. A análise dos dados foi fundamentada em Bardin (1977) e os grupos em situação de vulnerabilidade social foram sistematizados em diferentes categorias, como indígenas, crianças, migrantes, pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Este artigo está dividido em seções. Na introdução, foram descritas as características das Vídeo-Cartas, objetivo, metodologia e análise dos dados. Na segunda seção, discutiu-se o referencial teórico deste trabalho. Na terceira seção, a metodologia foi apresentada. Na quarta seção, expuseram-se as análises dos dados e, posteriormente, as considerações finais.

2 CARTAS PEDAGÓGICAS E VÍDEO-CARTAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS NA DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira, foi um precursor nas universidades ao inserir as cartas nas suas obras para trocar conhecimentos, denunciar injustiças sociais e processos de desumanização. Seus livro-cartas, Freire (2000; 2005; 2011; 2013), são muito conhecidos por defenderem esses recursos como uma maneira de as pessoas apresentarem escritas subjetivas e críticas. Paulo Freire considerava que as cartas eram diálogos escritos entre as pessoas. As Cartas Pedagógicas foram inventadas por ele para problematizarem situações desumanas.

¹ Esta pesquisa é uma pesquisa institucional de uma universidade pública do Paraná.



Paulo Freire gostava das tecnologias. O livro de Fávero (2006), *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966)*, descreve a existência de programas radiofônicos que difundiam as perspectivas educacionais freirianas nas práticas educativas de Alfabetização de jovens e adultos em Anjicos, na década de 1960. Eles produziram materiais didáticos, construídos junto aos camponeses com fotografias de imagens que refletiam as condições precárias de vida das pessoas de Angicos.

No livro escrito por Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2021), *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*, Guimarães apresentou conversas com Paulo Freire sobre meios audiovisuais existentes nas décadas de 1960 e 1990 e seus usos nas escolas. Nesses diálogos, Paulo Freire narrou que desenvolveu projetos com gravadores e fotografias com estudantes em Genebra, na Suíça, quando estava exilado. O primeiro projeto foi denominado *A escuta da realidade*; já o segundo, *A fotografia do mundo*. Tinham como objetivo que os estudantes compreendessem as relações sociais ao seu redor de modo científico, mediadas pelas tecnologias.

Na perspectiva da Educação Libertadora de Paulo Freire, o uso das tecnologias é uma maneira de produção de conhecimentos, de ruptura de práticas mecanicistas nas escolas, problematização de contextos sociais, valorização da escrita, da leitura das imagens e, fundamentalmente, de trocas de conhecimentos entre as pessoas sobre diferentes culturas, modos de vida e percepções do mundo.

O livro-carta *Pedagogia da Indignação*, de Freire (2000) é conhecido pelas Cartas Pedagógicas escritas por ele e amigos na defesa dos direitos humanos e por apresentar denúncias de injustiças sociais no Brasil ocorridas na década de 1990. Cabe destacar a carta escrita por Paulo Freire, destinada ao indígena Pataxó Galdino Jesus dos Santos, que foi assassinado, queimado vivo em Brasília por jovens de classe alta que diziam “estar brincando”. Freire criticou: “Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgenticando-se, no ambiente em que decreceram em lugar de crescer” (Freire, 2000, p. 31).

Paulo Freire considerava que as preocupações, a sensibilidade e o compromisso das pessoas com grupos em situação de vulnerabilidade social surgem de mobilizações coletivas. Para ele: “O futuro não nos faz. Nós é que refazemos na luta para fazê-lo” (Freire, 2000, p. 27). As Cartas Pedagógicas eram consideradas pelo autor como meios na defesa da democracia e dos



direitos humanos:

Um dos meus sonhos ao escrever essas Cartas Pedagógicas, se não o tivesse, não haveria por que escrevê-las é desafiarmos, pais e mães, professoras e professores, operários e estudantes a refletir sobre o papel que temos e a responsabilidade de assumi-lo bem na construção e no aperfeiçoamento de uma democracia entre nós. Não de uma democracia que aprofunda as desigualdades, puramente convencional que fortifica o poder dos poderosos, que assiste de braços cruzados a aviltação, ao destrato dos humildes e que acalenta a impunidade. Não de uma democracia cujo sonho do Estado, dito liberal, é o Estado que maximiza a liberdade dos fortes, para acumular capital em face da pobreza e as vezes da miséria das maiorias, mas de uma democracia de que o Estado, recusando-se posições licenciosas ou autoritárias e respeitando realmente a liberdade dos cidadãos, não abdica do seu papel regulador das relações sociais. Intervém, portanto, democraticamente, enquanto responsável pelo desenvolvimento da solidariedade social (Freire, 2000, p. 24-25).

As Vídeo-Cartas são recursos significativos na defesa dos direitos humanos e precisam ser discutidas nos cursos de formação de professores, principalmente nos currículos oficiais das instituições escolares. Lira (2016, p. 2) discute a necessidade de inclusão da diversidade nos currículos e considera que é preciso “[...] refletir sobre como a escola ensina e quais são os conjuntos de saberes, conhecimentos, habilidades e conteúdos que são considerados legítimos e válidos ensinar aos alunos no dia a dia da escola”.

Existem projetos que socializam narrativas de pessoas em situação de vulnerabilidade social utilizando Vídeo-Cartas com o intuito de discutir as experiências e os conhecimentos desses grupos. Um desses projetos foi produzido na cidade de São Paulo, no ano de 2020. De acordo com Persegui, Cusicanki e Quintanilha (2020), o projeto *Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes para o Dia Internacional dos Direitos Humanos* foi realizado em parceria entre o Fórum *Fontié ki Kwaze* – Fronteiras Cruzadas (ECA/USP) e o SESC Carmo de São Paulo. Foram realizadas oficinas de produção de Vídeo-Cartas com migrantes de diferentes etnias a respeito da realidade migratória para potencializar a luta por direitos humanos e constituir uma rede engajada com comunidades de migrantes no Brasil e no mundo. A ideia foi problematizar, por intermédio das Vídeo-Cartas, a condição de vida desumana dos migrantes, a violação dos seus direitos e as crises vivenciadas por essas pessoas. Persegui, Cusicanki e Quintanilha (2020, *on-line*) analisaram os diferentes tipos de migração e ausência dos direitos humanos:

Como analisa o pesquisador mexicano Raul Delgado Wise, a migração forçada contemporânea é expressão de um processo acelerado de crise multidimensional política, social, financeira, sanitária, ambiental etc. – que reflete também uma crise de direitos humanos, principalmente diante das populações deslocadas, expulsas,



refugiadas, que enfrentam cada vez mais fronteiras fechadas e precárias condições de vida.

Para Persegum, Cusicanki e Quintanilha (2020, *on-line*), as Vídeo-Cartas são instrumentos de denúncias sociais: “Como fruto dessa sinergia transnacional e transversal às lutas sociais, no coração de São Paulo, território onde vivem e circulam pessoas de todo o mundo em busca de trabalho e afetos, surgiu o projeto Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes”.

Essa característica das Vídeo-Cartas como recursos de discussão crítica da realidade também foi constatada por Castro *et al.* (2020) em projeto de extensão realizado no Curso de Licenciatura da Educação do Campo, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), *campus* Diamantina (MG). Foram produzidas Vídeo-Cartas com estudantes do curso com as seguintes características:

As Vídeo-Cartas têm incorporado conteúdos relacionados a reivindicações sociais e a questões acadêmicas, inicialmente pensados, sempre na tentativa de estabelecer diálogos na circulação de conhecimentos tradicionais e científicos nos espaços pelos quais transita a Educação do Campo. Por isso, as Vídeo-Cartas são entendidas como um produto audiovisual que visa socializar as visões de mundo entre os estudantes da LEC-UFVJM num processo dialógico que pretende mostrar tanto as problematizações da realidade como as marcas culturais que constituem a identidade dos povos do campo. Assim, os vídeos produzidos têm trazido uma rica diversidade de leituras da realidade das comunidades locais por meio de registros de conhecimentos populares, patrimônio cultural imaterial, questões socioambientais, da vida cotidiana no campo e da vida acadêmica dos estudantes (Castro *et al.*, 2020, p. 109-110).

Como materiais didáticos, as Vídeo-Cartas trazem diversos elementos para análise sobre estruturas sociais a partir das narrativas daqueles que as produzem e incentivam a produção por estudantes e professores desse tipo de material.

Na pesquisa com imagens e produção de materiais didáticos construídos com a comunidade, Gomes (2019, p.31) apresenta referenciais teórico-metodológicos para a educação contextualizada e aponta caminhos com intuito de auxiliar os docentes

A educação contextualizada é uma opção educativa que articula cultura e política na construção do conhecimento – a prática da educação contextualizada pela sua dimensão política implica em um ensino diferenciado que prioriza as questões das vidas dos sujeitos, as problemáticas e as potencialidades do contexto local.

Nessa mesma perspectiva de aproximação das histórias de vida dos estudantes e as contribuições para a educação, Bueno, Pinto Junior e Guimarães (2015, p.6) analisaram a junção



de três componentes importantes para o professor na docência sobre o papel das interações, dos significados partilhados e das identidades:

Dentro da diversidade de ações que ocorrem ao mesmo tempo nas salas de aula, o professor necessita, ainda, compreender e se aproximar da história de vida dos seus estudantes, buscando diferentes maneiras de entender como se dão as experiências sociais da comunidade à qual pertencem. Também precisa saber sobre suas vivências familiares e como se constituem as peculiaridades das linguagens locais. Isto significa propor que o professor de História exerce um papel de pesquisador de e no seu espaço de trabalho, pois ao levantar dados que trazem informações sobre os seus estudantes e ao sistematizá-los mentalmente, institui-se a possibilidade da criação de uma visão histórica particular da vida de cada integrante da sala de aula. Ao fazer isso, cria uma imagem da turma e tem a chance de adquirir um domínio de conhecimentos que pode potencializar a projeção de ações de ensino que o aproxime de seus estudantes.

Os estudos das narrativas corroboram com os cursos de formação de professores, pois discutem as questões das identidades e a importância dessas pesquisas. De acordo com Josso (2020, p. 43):

Parece-me que as narrativas autobiográficas se converteram, em muitos casos, em salvas-vidas que talvez nos permitam resistir as tempestades e turbulências que já estão se manifestando e aquelas que nos esperam a curto prazo, preservando, no mínimo, a autoestima para imaginar soluções temporárias e um mínimo de solidariedade para encontrar formas viáveis de cooperação, na esperança de que possam se tornar foco de renovação social e política.

As Vídeo-Cartas também são registros históricos que gravam acontecimentos, situações de diversas pessoas. Quanto às análises dos documentos, pesquisadores do ensino de História têm discutido as mídias digitais como fontes históricas e recursos educacionais. No livro *Ensino de História e mídias eletrônicas*, de Edvaldo Correa Sotana e Osvaldo Rodrigues Junior (2023), é possível encontrar artigos sobre os desafios da história na era digital, as mídias, o cinema, a televisão e as plataformas digitais relacionadas ao ensino de História, incluindo os desafios diante da proliferação das *Fake News*, dentre outras questões.

Considerando a relevância das Vídeo-Cartas como instrumentos em defesa dos direitos humanos de grupos em situação de vulnerabilidade social e recursos didáticos destinados aos cursos de formação de professores, foi realizado um mapeamento da produção acadêmica que discute as Vídeo-Cartas produzidas no Brasil com grupos em situação de vulnerabilidade social.



3 METODOLOGIA – MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE VÍDEO-CARTAS NO PERÍODO DE 2004 A 2024

A metodologia utilizada neste artigo foi a revisão de literatura. Para Alves-Mazzotti (2006), a revisão de literatura requer do pesquisador uma atitude de compromisso com o estado do conhecimento da área que investiga. Dessa maneira, são necessários contrastes e comparações de abordagens teórico-metodológicas, avaliações sobre a fidedignidade dos dados, leituras críticas capazes de identificar as contradições e lacunas a serem estudadas.

O levantamento das referências foi realizado em *sites* de busca, como *Google Acadêmico* e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), de artigos, teses e dissertações que discutem a temática desta pesquisa. Para as buscas dos trabalhos, foram selecionadas as seguintes palavras-chave e descritores: Vídeo-Cartas, Vídeo-Cartas *and* educação; Vídeo-Cartas *and* mulheres; Vídeo-Cartas *and* migrantes; Vídeo-Cartas *and* movimentos sociais; Vídeo-Cartas *and* indígenas; Vídeo-Cartas *and* crianças; Vídeo-Cartas *and* Educação no Campo; Vídeo-Cartas *and* vulnerabilidade social; Vídeo-Cartas *and* História.

A respeito da seleção dos trabalhos, foram delimitados alguns critérios: 1) produção acadêmica de dissertações, teses e artigos sobre Vídeo-Cartas de grupos sociais em situação de vulnerabilidade social na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire; e 2) presença de um ou mais descritores de busca nas palavras-chave.

A análise dos dados foi fundamentada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Em um primeiro momento, foram realizadas a leitura do material e uma pré-análise para a seleção dos artigos, teses e dissertações. Posteriormente, foram sistematizadas as características principais desses trabalhos e as análises. Desses processos, foram elencadas as seguintes categorias: Vídeo-Cartas indígenas; Vídeo-Cartas de crianças não indígenas com crianças indígenas; Vídeo-Cartas de migrantes; Vídeo-Cartas de pessoas em situação de vulnerabilidade social. A produção acadêmica analisada data do período de 2004 a 2024.

O quadro a seguir apresenta as informações desses trabalhos em relação às categorias, autores, números, características e anos de publicação.



Quadro 1 – Resultado das sistematizações da produção acadêmica de Vídeo-Cartas.

Categorias e números dos trabalhos	Autores e ano de publicação
Vídeo-Cartas indígenas: 3 (três) dissertações.	Lopes (2015), Pinheiro (2017) e Reis (2021).
Vídeo-Cartas de crianças não indígenas com crianças indígenas: 2 (duas) dissertações e 1 (um) artigo.	Ruiz (2009), Brandimiller (2015) e Maciel, Monachini e Pedro (2018).
Vídeo-Cartas de migrantes: 2 (duas) dissertações e 1 (uma) tese.	Oliveira (2020), Louzada (2023) e Giroto (2024).
Vídeo-Cartas de pessoas em situação de vulnerabilidade social em diferentes contextos: 1 (uma) dissertação e 2 (dois) artigos.	Bechler (2004), Castro <i>et al.</i> (2020) e Oliveira (2021).

Fonte: Elaboração dos pesquisadores.

Foram mapeados 12 (doze) trabalhos, sendo: 1 (uma) tese, 8 (oito) dissertações e 3 (três) artigos. Esses trabalhos utilizam as Vídeo-Cartas como instrumentos de pesquisas, em sua maioria, produzidas por grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social e por pesquisadores sensíveis a esses grupos. Como afirmava Freire (1974, p. 18): “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” .

Os pesquisadores que trabalharam com essas Vídeo-Cartas tiveram cautela com as questões éticas no trabalho por meio de sistematizações das narrativas, imagens e descrições das das pessoas. Na próxima seção, abordaremos as pesquisas e as relações com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire.

4 ANÁLISE DOS DADOS: A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE NAS VÍDEO-CARTAS

A Pedagogia Libertadora de Paulo Freire apresenta algumas questões fundantes, como a produção de trabalhos de forma coletiva, dialógica e problematizadora, com denúncias e anúncios para a superação das adversidades de grupos que sofrem há décadas situações de opressão. Essas realidades precisam ser rompidas para a escuta das narrativas desses grupos e para que seus conhecimentos produzidos historicamente sejam compartilhados e ensinados nas escolas de nosso país. Tais aspectos estiveram presentes nas pesquisadas analisadas, que serão descritas, nesta seção, de acordo com as categorias.



Na primeira categoria, **Vídeo-Cartas indígenas**, os trabalhos de Lopes (2015), Pinheiro (2017) e Reis (2021) foram produzidos por indígenas. É preciso descrever que a dissertação de Pinheiro (2017) foi produzida por uma pessoa não indígena em conjunto com a cineasta indígena Patrícia Ferreira Pará Yxapy, como se fosse coautora. Por essa razão ela foi alocada neste grupo.

Os trabalhos em tela revelam que as políticas públicas de cotas sociais destinadas aos indígenas, negros e pardos desenvolvidas em grande parte dos processos seletivos para universidades no Brasil têm contribuído para que estudantes em situação de vulnerabilidade social e, principalmente, estudantes indígenas produzam audiovisuais sobre suas culturas e histórias enriquecendo o contexto de produção de ciência no Brasil. Entretanto, também é preciso considerar que existem vários trabalhos desenvolvidos por Organizações Não Governamentais (ONGs), nas quais os indígenas têm se destacado na produção de audiovisuais.

Um exemplo de protagonismo indígena é a dissertação de Lopes (2015), “*Indígenas em universidades públicas do Rio Grande do Sul uma perspectiva etnográfica*”, em que o pesquisador discutiu a formação acadêmica de indígenas por meio de programas de ações afirmativas nas universidades públicas do Rio Grande do Sul desde 2008. No decorrer de sua investigação, Lopes debateu questões políticas, preconceitos, situações difíceis dos estudantes indígenas nas universidades e buscas de soluções coletivas para o enfrentamento dos problemas, dentre elas, a produção e a troca de Vídeo-Cartas com estudantes indígenas e não indígenas. O intuito também foi discutir a dimensão política das Vídeo-Cartas por intermédio da explicitação sobre como ocorriam as articulações dos indígenas universitários. A ideia era produzir uma Vídeo-Carta, entretanto com a morte do irmão de um estudante indígena, muito próximo do pesquisador, esse acontecimento impediu a produção da vídeo-carta. Como descreveu Lopes (2025, p. 114): “Por essa razão e pelo profundo respeito tenho por Leo, e pelos valores éticos que norteiam o trabalho do antropólogo, optei por não levar a diante a proposta da vídeo-carta naquele momento, sem sua presença”. Esse excerto de Lopes (2015) explicita que a produção da ciência não é um processo mecânico, linear e existe a necessidade de um compromisso ético com as pessoas, como defendia Paulo Freire na educação emancipadora.

Em relação à dissertação de Pinheiro (2017), “*A imagem como arma: a trajetória da cineasta indígena Patrícia Ferreira Pará Yxapy*”, a pesquisadora trouxe uma experiência etnográfica de Vídeo-Cartas, que constituiu de trocas de mensagens videográficas entre a pesquisadora Sophia Pinheiro e a cineasta indígena Patrícia Ferreira Pará Yxapy sobre diversos



temas do cotidiano. O objetivo da dissertação foi traçar a trajetória da cineasta indígena Patrícia Ferreira *Pará Yxapy Mbyá-Guarani*, que é considerada a mulher mais relevante do cinema indígena brasileiro. A intenção da pesquisa foi cooperar com os estudos sobre mulheres e cineastas indígenas e analisar a contribuição de Patrícia como protagonista de suas reivindicações, rupturas de estereótipos e emancipação dos povos indígenas por meio da produção de cinema e Vídeo-Cartas.

Reis (2021) estudante indígena, organizou memórias e fotografias após a morte de seu avô, que culminou na Vídeo-Carta “*Pãn Vanh – Rastros*”. Para ele, a Vídeo-Carta buscou seguir os rastros do seu avô indígena “[...] como se estivesse caminhando nos seus rastros ou refazendo suas trajetórias” (Reis, 2021, p. 15). A Vídeo-Carta foi produzida na Terra Indígena *Laklãnõ*, no município de José Boiteux (SC) onde o avô Orlando *Mongconãnn* nasceu, viveu e morreu. A produção foi realizada na Aldeia Pavão, em 2021. Essa Vídeo-Carta apresentou a história do estado de Santa Catarina na perspectiva de um indígena. Ele descreveu a vida da sua família, desde o casamento do seu bisavô indígena com uma italiana na década de 1930. O objetivo, na época, era que as famílias indígenas se aproximassem das famílias não indígenas para a “integração” dos indígenas à sociedade, com a proposta de “miscigenação”, mas que, segundo Reis (2021), era de “desaparecimento étnico e cultural”.

No que tange à dissertação de Reis (2021), *Pãn Vanh – Rastros: Vídeo-Carta para meu avô, Orlando Mongconãnn, e Memorial*, o trabalho iniciou com um memorial descritivo do processo de elaboração do curta-metragem “*Pãn Vanh – rastros*”, que utilizou a linguagem de Vídeo-Carta em uma homenagem *post mortem* do pesquisador para o avô Orlando *Mongconãnn*, indígena pertencente ao povo *Laklãnõ/Xokleng*. O pesquisador denominou a metodologia como a memória de fazer “antropologia em casa”, pois sua pesquisa foi produzida na época da pandemia de covid-19, no Brasil. Reis (2021) foi o primeiro indígena a se formar no curso de cinema, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2018. Quando foi cursar mestrado em Antropologia na UFSC, descreveu que o contato com as vídeo-cartas foi uma forma de conhecer culturas e povos.

Na segunda categoria, **Vídeo-Cartas de crianças não indígenas com crianças indígenas**, foram selecionados os trabalhos de Ruiz (2009), Brandimiller (2015), Maciel, Monachini e Pedro (2018). As dissertações de Ruiz (2009) e Brandimiller (2015) apresentam discussões sobre a troca de Vídeo-Cartas de crianças de diferentes classes sociais com crianças



indígenas. Já o artigo de Maciel, Monachini e Pedro (2018) consiste em reflexões sobre Vídeo-Cartas construídas com crianças indígenas. Entretanto, há um aspecto comum nesses trabalhos: a Vídeo-Carta *Das crianças Ikpeng para o mundo*. Essa Vídeo-Carta indígena foi produzida por cineastas indígenas para jovens e crianças com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação / (UNESCO) no Projeto “*Vídeo nas Aldeias*”. Nessa Vídeo-Carta, 4 (quatro) crianças *Ikpeng* apresentam sua aldeia respondendo à Vídeo-Carta das crianças da Sierra Maestra, em Cuba. Essa Vídeo-Carta fez parte de projetos sociais que incorporavam o vídeo nas aldeias aos seus projetos políticos e culturais. Foi essa a Vídeo-Carta que motivou a produção dessas pesquisas.

A dissertação de Ruiz (2009), *Documentário-Dispositivo e Vídeo-Cartas: aproximações*, é uma referência para outros estudos. Ruiz (2009) fez uma discussão teórica do conceito de Vídeo-Carta e documentários e reflete como as Vídeo-Cartas podem transformar as pessoas no processo criativo. Na dissertação, Ruiz (2009) analisou 6 (seis) Vídeo-Cartas, dentre elas, as Vídeo-Cartas que produziu: *Saudade, Vídeo-Cartas para Cuba*” e “*Olhos Negros: compartilhando imagens*. A primeira Vídeo-Carta é uma correspondência fílmica de mulheres brasileiras que dialogam com suas amigas de Cuba sobre as lembranças boas desses encontros, as problematizações das dificuldades de seus países e informações sobre a história da revolução cubana. Já a segunda Vídeo-Carta, *Olhos Negros*, corresponde às trocas fílmicas entre várias pessoas, desde crianças até adultos de São Paulo com pessoas do Amazonas, mais especificamente, do Rio Negro, as quais também problematizam suas condições de vida. As narrativas apresentam posições diversas e críticas sobre as cidades, representações sociais de grupos, narrativas sobre processos de desumanização das pessoas.

Ruiz (2009) também produziu e analisou a Vídeo-Carta *Outra cidade*, que foi uma Vídeo-Carta em resposta à Vídeo-Carta *Das crianças Ikpeng para o mundo*. A Vídeo-Carta *Outra cidade* apresentou diálogos de crianças e adolescentes em situação de rua, crianças de uma escola particular e uma adolescente da cidade de Campinas (SP) que narraram seus diferentes olhares críticos sobre a cidade para as crianças indígenas de *Ikpeng*.

A dissertação de Brandimiller (2015), *Geografias poéticas infância: a arte do encontro*, é da área da Educação. A pesquisadora teve como referência a dissertação de Ruiz (2009). O objetivo da sua pesquisa foi compreender as visões que as crianças produziram sobre si e sobre o outro a partir de correspondências trocadas entre dois grupos de crianças. O primeiro grupo era



de crianças do 3º ano de uma escola pública, residente em Porto Alegre (RS) e o segundo tratava de crianças de um projeto social da cidade de Cumuruxatiba (BA) com crianças, filhos de pescadores e crianças indígenas da etnia Pataxó.

Brandimiller (2015) descreveu que as motivações da sua pesquisa para as trocas de correspondências consistiram na ideia de promover o diálogo entre crianças e infâncias que vivem mundos diferentes. A pesquisadora viajou para as duas cidades e auxiliava as crianças na produção das Vídeo-Cartas. A pesquisa de campo constou de 12 encontros em Porto Alegre e 12 encontros em Cumuruxatiba. Nesses encontros, ela levava uma mala que foi do seu avô. Segundo a pesquisadora, a mala era o “eixo de correspondência” entre os grupos. Em cada grupo, essa mala era preenchida com correspondências, fotografias, termos de consentimento, bordados construídos em conjunto e propostas de gravações das Vídeo-Cartas. Nos diferentes grupos, os sujeitos construíam “mapas imaginários” de trabalhos de artistas e das referências espaciais das cidades que eles arquitetaram. Esses mapas eram trabalhos artísticos que faziam sobre como representar as cidades e as escolas deles em mapas.

Segundo suas descrições, essas Vídeo-Cartas abordavam culturas, brincadeiras, hortas, aspectos geográficos, obras de arte produzidas por crianças e interesses pessoais. As crianças de Porto Alegre estranhavam o comportamento das crianças indígenas da Bahia que produziam as Vídeo-Cartas na praia e as mesclavam com brincadeiras e histórias. As crianças indígenas gostavam de filmar sua comunidade, seus costumes e compartilhar essas informações.

Para Brandimiller (2015), a produção fílmica era o olhar e o modo de ver o mundo das crianças. Segundo ela, o vídeo foi eleito como o dispositivo favorito das crianças. Na pesquisa, Brandimiller (2015) discutiu a questão da alteridade nas crianças e das diferentes infâncias. A alteridade, para ela, foi construída nas relações de contraste, distinção, diferenças nas quais as pessoas se colocaram no lugar dos outros, reconheceram que existiam diferentes culturas e que mereciam respeito. Em sua investigação, ela descreveu vários episódios de estranhamentos e aproximações entre as culturas das crianças e como as Vídeo-Cartas possibilitaram esses encontros.

O artigo *Osiba Kangamuke – Vamos lá, Criançada: o audiovisual e o etnográfico em colaboração* foi produzido por Maciel, Monachini e Pedro (2018), estudiosos da área de Antropologia Social. O trabalho consistiu na realização de um curta-metragem etnográfico elaborado com as crianças indígenas da aldeia *Aiha Kalapalo*, localizada no Parque Indígena do



Xingu (PIX) no Mato Grosso. A ideia era que esse filme fosse utilizado como material didático específico da etnia *Kalapalo*. Posteriormente, foi utilizado na dissertação da antropóloga Veronica Monachini e na exposição de mostras de cinema e festivais nacionais e internacionais. O trabalho é considerado de antropologia visual partilhada. Os pesquisadores descrevem que os indígenas do *Xingu* têm um histórico longo, com registros visuais e cinematográficos, e sabem do alcance político desses recursos. Todavia, também reconhecem que muitas pessoas se utilizam de suas imagens desvirtuando as características dos povos indígenas. Dessa maneira, Maciel, Monachini e Pedro (2018) narraram que os indígenas começaram a modificar suas relações com a produção de audiovisual.

A preocupação de os indígenas registrarem suas comunidades está voltada à preservação de suas culturas e ao medo de que seus costumes e tradições deixem de existir com as interações dos indígenas com as pessoas não indígenas. A partir dessas preocupações, eles começaram a apresentar e assistir a vídeos com as crianças para a produção coletiva. O primeiro vídeo exibido foi a Vídeo-Carta discutida nos trabalhos de Ruiz (2009) e Brandimiller (2015), *Das Crianças Ikpeng Para o Mundo*. Esta Vídeo-Carta foi realizada pelos cineastas Natuyu Yuwipó Txicão, Karané e Kumaré Ikpeng.

No artigo de Maciel, Monachini e Pedro (2018), a Vídeo-Carta foi produzida com as crianças e os adultos, sendo construída de forma coletiva, uma vez que as crianças “ditaram” o tom das filmagens. Inicialmente, os autores pensaram em filmar o cacique da aldeia, mas existiram muitas controvérsias se ele deveria aparecer vestido nas cenas. Posteriormente, as crianças foram para a escola e começaram a desenhar, sendo que uma das crianças indígenas entrevistou seus colegas sobre os desenhos que estavam produzindo. Em seguida, eles filmaram a produção de flechas e foram para a “casa das flautas” na qual existiam algumas máscaras e restrições. As máscaras tinham vários significados na aldeia. Na sequência, eles filmaram a luta dos meninos, mas as meninas também queriam se apresentar. Porém, na cultura da aldeia, a participação das meninas nas lutas exigiria outras formas de organização. Nesses processos de escolha dos locais, ações e cenas, Maciel, Monachini e Pedro (2018, p. 155) constataram que:

Na produção do vídeo, pode-se perceber a preocupação em mobilizar um tipo de conhecimento que elas consideravam como os tradicionais Kalapalo; queriam se auto-representar como Kalapalo “de verdade” para uma Vídeo-Carta que seria representativa do seu modo de vida



Esse trabalho destacou como as crianças, por meio da produção coletiva das Vídeocartas, mobilizaram uma série de conhecimentos e informações sobre sua cultura, desde questões da tradição, de gênero e identidade. A partir do trabalho, podemos observar como as crianças estavam atentas e preocupadas em registrar suas histórias, hábitos e cultura.

Na categoria **Vídeo-Cartas de Migrantes**, foram selecionados os trabalhos de Oliveira (2020), Louzada (2023) e Giroto (2024) que apresentam as dificuldades de migrantes de diferentes etnias no Brasil, os processos de exclusão, inclusão e acolhida por eles vivenciados.

A dissertação de Oliveira (2020) discutiu a questão da *Plataformização cultural: estratégias de mídia-design para o ensino audiovisual* e comparou propostas didáticas de banco de dados digitais e com experiências educacionais do Instituto Criar de TV e Cinema e das Vídeocartas *Conexões Migrantes*. Esse projeto foi uma experiência educativa realizada pelos pesquisadores Karina Quintanilha e Juan Cusicanki no SESC Carmo de São Paulo, no ano de 2019, com oficinas de Vídeocartas com migrantes de várias etnias em São Paulo. Oliveira (2020, p. 127) descreve que os migrantes foram convidados a produzirem Vídeocartas sobre processos migratórios: “A ideia central era ativar a memória afetiva do público participante, ao registrar em vídeos as narrativas pessoais, histórias envolvendo migração ou críticas sobre o momento presente”. As Vídeocartas também oportunizaram a conexão de pessoas e histórias compartilhadas de vida que se encontravam distantes.

A respeito da dissertação de Louzada (2023), intitulada *Uma leitura geográfica do documentário “Cartas para Angola”: sujeitos e paisagens*, a pesquisadora fez um levantamento bibliográfico sobre cinema e geografia desta vídeo-carta. O objetivo foi analisar as paisagens vivenciadas pelos sujeitos, por intermédio de uma perspectiva humanista, investigar a experiência do espectador frente ao cinema. Louzada (2023, p. 21) afirmou que o documentário “*Cartas para Angola*” (2012), produzido e dirigido por Coraci Ruiz e Julio Matos, em parceria com a produtora audiovisual Cisco “[...] surgiu da necessidade de cumprir a Lei 10.639 de 2003, que exige a inclusão da História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares.

Louzada (2023) considera que a Vídeo-Carta *Carta para Angola* foi um trabalho dialógico de 15 pessoas que apresentaram a realidade das migrações do continente africano, a condição da mulher em países machistas. As pessoas trouxeram para a Vídeo-Carta elementos de suas culturas, comidas e reflexões sobre as mudanças de identidades nos processos migratórios.



A tese de Giroto (2024), *Narrativas e escrevivências haitianas em Vídeo-Cartas para educação: fronteiras, travessias e superações (co)movedoras* foi um estudo das narrativas haitianas com Vídeo-Cartas. Os objetivos da tese foram: analisar as barreiras, travessias e superações de migrantes haitianos e haitianas no Brasil no que diz respeito à educação e acolhida; analisar a relação entre atos de currículo e processos identitários no que concerne à migração haitiana para o Brasil; propor uma educação antixenorracista por meio das narrativas, das escrevivências e das Vídeo-Cartas; e investigar elementos da cultura visual e das narrativas presentes em artefatos culturais como recursos didáticos interculturais. Os instrumentos de pesquisa consistiram na elaboração de Vídeo-Cartas em conjunto com seis migrantes haitianos e haitianas que residem no Brasil sobre o que significa ser migrante de sua origem em nosso país e quais contribuições da cultura haitiana são relevantes para as escolas brasileiras.

Giroto (2024) afirma ser urgente a necessidade de implantação de currículos antixenorracistas na educação e o diálogo entre diferentes culturas. “Elucida-se, ainda, a importância de não promover uma hierarquização das identidades e dos saberes no currículo e, sim, valorizar e retomar narrativas históricas injustamente silenciadas ao longo dos anos” (Giroto, 2024, p. 78). Paulo Freire foi uma das referências principais da tese de Giroto (2024) para discussão da promoção de uma educação crítica, transformadora, inclusiva, antixenorracista, na luta contra o racismo e as opressões. As narrativas e escrevivências apresentadas nas Vídeo-Cartas dos seis migrantes haitianos e haitianas foram sobre os processos migratórios, perdas, frustrações, dificuldades de adaptação, ausência de acolhida e narrativas da construção de novos laços afetivos, possibilidades educacionais, profissionais e situações inclusivas. Como resultados, o autor descreveu que as Vídeo-Cartas podem ser recursos didáticos valiosos para abordar a identidade, a cultura, a educação e as condições migratórias desse grupo no Brasil, além de contribuir para uma pesquisa educacional mais inclusiva e respeitosa.

Na categoria **Vídeo-Cartas de pessoas em condição de vulnerabilidade social em diferentes contextos**, foram selecionados os trabalhos: a dissertação de Bechler (2004), que produziu Vídeo-Cartas com pessoas em situação de rua, em Porto Alegre; o artigo de Castro *et al.* (2020) sobre Vídeo-Cartas produzidas com estudantes de uma universidade pública do interior de Minas Gerais da Educação do Campo; e o artigo de Oliveira (2021), um ensaio teórico em que a autora apresenta a sua tese de doutorado e a trajetória de pesquisa com o trabalho de produção de Vídeo-Cartas com mulheres no sistema prisional.



O objetivo da dissertação *Labirintos: Mapas invisíveis da cidade*, de Bechler (2004), foi pensar as relações tensas nos espaços das sociedades contemporâneas e os limites entre o público e o privado, bem como analisar a vida de pessoas em situação de rua que estavam na berlinda entre o espaço da rua e a casa. A perspectiva emancipadora de Paulo Freire esteve presente na produção de Vídeo-Cartas com moradores em situação de rua que produziram imagens críticas sobre a cidade de Porto Alegre. A leitura dessas imagens foi problematizada com eles, bem como suas condições de vida. A ideia da produção da Vídeo-Carta surgiu a partir do Jornal *Boca de Rua*, de uma Organização Não Governamental de Porto Alegre – Agência Livre para Infância e Educação (Alice), que atua desde 1988. O jornal era produzido por jornalistas de Porto Alegre com pessoas em situação de rua. A pesquisadora considerou como resultados que a elaboração da Vídeo-Carta “[...] produziu uma imagem crítica da cidade sobre o olhar daqueles que habitam as suas ruas” (Bechler, 2004, p. 7).

O artigo de Oliveira (2021) *Coletivo em Silêncio: o encontro que cria um corpo político e produz vida*, foi um relato de experiência de uma observação participante da pesquisadora do coletivo feminista de arte e educação, denominado, pela autora, “de luta antipunitivista e pelo desencarceramento” (Oliveira, 2021, p. 525). Ela descreve seu trabalho como um estudo de histórias de mulheres em condição de vulnerabilidade social:

A narrativa do trabalho apresenta também depoimentos, poesias e entrevistas concedidas à autora por mulheres atingidas pelo sistema prisional e de justiça, mulheres que foram historicamente e socialmente estigmatizadas como pessoas que não servem à sociedade e por isso podem ser descartadas. Este trabalho, que assume um caráter ensaístico, procura tornar evidentes estratégias de resistência através de práticas comunicativas e da expressão artística, e, por fim, criar espaço para que as falas dessas mulheres ressoem e possam ser escutadas (Oliveira, 2021, p. 525).

No artigo, Oliveira (2021) apresenta a sua pesquisa sobre as estratégias de comunicação e de sensibilização pela arte de atividades realizadas com as mulheres no sistema prisional. Ela também apresenta um trabalho coletivo de uma Vídeo-Carta *Mãos à Arte*, do ano de 2003, com as artesãs e internas da Penitenciária Talavera Bruce, no Rio de Janeiro. A Vídeo-Carta foi produzida com base na ideia de ‘comunicação participativa’, que implicou a participação das internas nas decisões sobre a gravação, edição e montagem de suas mensagens, de sua ‘comunicação’, preceito básico de produção da ‘comunicação comunitária’ (Oliveira, 2021). Os resultados de sua pesquisa destacaram que esses recursos são meios e estratégias de resistência de práticas comunicativas e das expressões artísticas, as quais oportunizam espaços para que as



narrativas dessas mulheres possam ser escutadas e ressoadas.

O artigo de Castro *et al.* (2020) *Letramentos e novas tecnologias: o direito de narrar na Educação do Campo*, apresenta um projeto de extensão desenvolvido pela Licenciatura em Educação do Campo (LEC), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), *campus* Diamantina (MG) com estudantes do curso que frequentam a Pedagogia da Alternância. Os estudantes eram de várias regiões próximas à cidade de Diamantina e moradores do campo. No artigo, os autores descreveram vários produtos desenvolvidos com tecnologias e produções autorais dos estudantes com temáticas deversificadas cujas Vídeo-Cartas estiveram presentes. Os resultados do trabalho foram promissores e valorizaram o potencial das Vídeo-Cartas como recursos educacionais para a socialização, produção da ciência e materiais didáticos:

Na busca pelo direito de narrar pelas comunidades do campo, alguns dados extraídos do canal de vídeos no *YouTube* são significativos na compreensão do impacto e alcance do projeto. Durante os três anos de duração do projeto, foram produzidas e publicadas 57 vídeo-cartas que estão hoje no ar. O canal conta com 354 inscritos e até o momento foram realizadas 30.210 visualizações, sendo que a média de visualizações por dia é de 200. A maior parte das visualizações acontece no Brasil, que representa um montante de 93,2%; no entanto há 6,8% que acontecem fora do país. A distribuição das faixas etárias das visualizações é de 47,4% com idades entre 18 e 24 anos; 41,1% entre 25 e 34 anos e 11,6% entre 35 e 44, o que evidencia que o diálogo está acontecendo, sobretudo, entre os mais jovens, que compõem a maior parte do público universitário. Cabe destacar também que o projeto atualmente tem estabelecido uma parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - Educação do Campo, no qual os estudantes bolsistas do programa estão analisando algumas vídeo-cartas e elaborando sequências didáticas com o intuito de produzir materiais didáticos da Educação do Campo contextualizados nas realidades do campo e quilombolas de uma ampla região do estado de Minas Gerais que posteriormente serão disponibilizadas em um repositório de recursos educacionais abertos (Castro *et al.*, 2020, p. 209-210).

Como foi possível verificar, as pesquisas sobre Vídeo-Cartas têm sido produzidas por diversos grupos em condição de vulnerabilidade social. Além disso, apresentam as potencialidades desses recursos elaborados por estudantes, professores, crianças, indígenas, migrantes, pessoas em situação de rua, pessoas no cárcere para o desenvolvimento de projetos em contextos educacionais diversificados na defesa dos direitos humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas analisadas neste trabalho apontam que as políticas públicas de democratização, acesso e permanência das pessoas em situação de vulnerabilidade social nas



universidades têm oportunizado que elas não sejam mais tratadas somente como sujeitos e objetos de pesquisas científicas de outras pessoas, mas, sim, produtoras e protagonistas da ciência por compartilharem suas histórias, conhecimentos e visões de mundo nas Vídeo-Cartas. Esses recursos são importantes e utilizados, principalmente, por indígenas e pesquisadores sensíveis a grupos com sujeitos vulneráveis, a fim de romper com a invisibilidade das suas narrativas na educação e lutarem para que seus direitos sejam reconhecidos.

A Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, há muitos anos, discute a importância das Cartas Pedagógicas como registros de culturas, histórias e instrumentos de luta, resistências para transformações sociais. As Vídeo-Cartas revisitam as Cartas Pedagógicas e trazem esses elementos nos recursos imagéticos e verbais. Elas revelam que, além do seu potencial audiovisual, são recursos significativos para as discussões da cultura afro-brasileira e indígena nos cursos de formação de professores, como previsto na Lei nº 10.639 (Brasil, 2003) e na Lei nº 11.645 (Brasil, 2008). As pesquisas apresentam preocupações quanto à valorização desses grupos em condição e vulnerabilidade social como protagonistas das cenas e produtores de cultura.

Conclui-se que as Vídeo-Cartas são recursos educacionais que trazem narrativas de diversas leituras dos universos desses grupos que precisam ser mais exploradas e conhecidas nos processos educativos.



REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis: o retorno. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússola do escrever**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p. 25-44.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições, 1977.

BECHLER, Janaina. **Labirintos**: Mapas invisíveis da cidade. 2004. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRANDIMILLER, Julia Burger. **Geografias poéticas**: infância e arte do encontro. 2015. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 5 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm?msclkid=0c0d30. Acesso em: 5 set. 2024.

BUENO, João Batista; PINTO JUNIOR, Arnaldo; GUIMARÃES, Maria de Fátima. Formação dos professores de História: o desenvolver das noções de interação, significação e identidade. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 8, n. 1, p. 93-112, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/420/252>. Acesso em: 5 set. 2024.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de *et al.* O letramento e novas tecnologias: o direito de narrar na Educação do Campo. *In*: LEMES, Anielli Fabiula Gavioli *et al.* (org.). **Letramentos e novas tecnologias**: o direito de narrar na Educação do Campo. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, v. 1, p. 101-128.

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966). Campinas: Autores Associados, 2006.



FERREIRA, Lucia Graça. Cartas Trocadas: Narrativas e formação de professores rurais no início de carreira. In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, IX., 2011, Bahia. **Anais** [...]. Bahia: Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), 2011. p. 807-821.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 15. ed. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2005.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e *práxis*. Organização e nota de Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; GUIMARAES, Sérgio. **Educar com as mídias**: novos diálogos sobre a educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIROTO, Giovani. **Narrativas e escrituras haitianas em Vídeo-Cartas para educação**: fronteiras, travessias e superações (co)movedoras. 2024. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024.

GOMES, Antenor Rita. **Sertão em cores**: caminhos para ensinar e aprender com imagens do sertão. Salvador: EDUFBA, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 5 set. 2024.

LIRA, Josivaldo Albuquerque. O currículo escolar e a invisibilidade da diversidade na escola. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, II., 2016. **Anais** [...]. [S. I.]: CINTEDI, 2016. p. 2-12.

LOPES, Alessandro Barbosa. **Indígenas em universidades públicas do Rio Grande do Sul**: uma perspectiva etnográfica. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

LOUZADA, Maria Ercilia. **Uma leitura geográfica do documentário “Cartas para Angola”**: sujeitos e paisagens. 2023. 91 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

MACIEL, Lucas da Costa; MONACHINI, Veronica; PEDRO, Thomaz. “Osiba Kangamuke – Vamos lá, Criançada”: o audiovisual e o etnográfico em colaboração. **PROA – Revista de**



Antropologia e Arte, Campinas, v. 8, n. 1, p. 144-158, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17319/11969>. Acesso em: 5 set. 2024.

OLIVEIRA, Daniel Cardoso Persegum. **Plataformização cultural**: estratégias de mídia-*design* para o ensino audiovisual. 2020. 274 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Paula Gorini. Coletivo em Silêncio: o encontro que cria um corpo político e produz vida. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 525-539, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2335/2443>. Acesso em: 5 set. 2024.

PERSEGUIM, Daniel; CUSICANKI, Juan; QUINTANILHA, Karina. Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes para o Dia Internacional dos Direitos Humanos. **SESC – São Paulo**, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/video-cartas-conexoes-migrantes-para-o-dia-internacional-dos-direitos-humanos/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

PINHEIRO, Sofia Ferreira. **A imagem como arma**: a trajetória da cineasta indígena Patrícia Ferreira *Pará Yxapy*. 2017. 284 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

REIS, Ítalo Rodrigo Mongconãnn. **Pãn Vanh – Rastros**: Vídeo-Carta para meu avô, Orlando Mongconãnn, e Memorial. 2021. 56 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

RUIZ, Coraci. **Documentário-Dispositivo e Vídeo-Cartas**: aproximações. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOTANA, Edvaldo Correa; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo Rodrigues (org.). **Ensino de História e mídias eletrônicas**. São Paulo: Paruna Editora, 2023.